

A DESMECANIZAÇÃO DO CORPO [The nonmechanization of the body]

Ymiracy N. de S. Polak*

RESUMO: Reflexão filosófica sobre como vivemos a nossa corporeidade neste final de milênio, quando embasada no pensamento de Jaques Monod e de Jean Baudrillard e na minha concepção de homem e de corporeidade debruço sobre as situações cotidianas, mostrando o poder da racionalidade e da cultura vigente sobre o nosso corpo. Discorro sobre como a época *trans* repercutiu e repercute no como vivemos a nossa corporeidade, levando-nos a sentir que somos metáforas de coisa nenhuma.

PALAVRAS CHAVE: Corpo humano; Desmecanização; Filosofia em enfermagem.

APRESENTAÇÃO

Falar do corpo e da corporeidade implica em viajar no tempo para perceber como esse tema foi abordado em cada época, em cada sociedade. Parece fácil discorrer sobre o corpo, o que é um engano, vez que o tema se encontra estreitamente ligado aos aspectos biológicos, mecânicos, fisiológicos, sociais e filosóficos. Falar do corpo é falar do homem.

Ressalto que ao esboçar o presente trabalho não me preocupei em definir, nem tampouco em delinear normas de conduta com o mesmo, mas sim em desencadear um processo reflexivo sobre o nosso estar no mundo no final de milênio, com o fito de pensarmos o como vivemos a nossa corporeidade? O porque a época *trans* nos afetou e afeta tanto o viver humano e o porque estamos tão sós e desiludidos neste final de milênio, reunindo os pedaços na tentativa de restaurar a imagem do que somos, mas que está sendo difícil de ser restaurada em função de valores que nos seduzem, que reluzem e nos envolvem com a velocidade das metamorfoses, impedindo-nos de resistir, pois o encantamento, a porção mágica que está sendo bebida diariamente por todos nos em nossos lares levando-nos a sentir que:

“não há tempo para o silêncio, ele representa a síncope, o colapso da televisão, o desligamento da cadeia fascinante que nos torna uma aldeia global, mediante um simples pluge. As mensagens, as imagens presentes na tela, são apenas um enredo forçado que tenta e às vezes supre o vazio da nossa tela mental. A imagem de um homem

sentado, contemplando, num dia de greve, sua tela de tv vazia, será no futuro uma das belas imagens da antropologia do século XX.”(Baudrillard, 1992, p.19)

Ressalto que desde os primórdios se registra a presença da concepção do corpo como objeto quando o homem é visto como um composto formado pela matéria do mundo e pela matéria espiritual, dissociando-se o corpo do espírito. Na bíblia pode-se ler que Javé construiu um boneco de barro e lançou sobre o mesmo o sopro divino do qual nasceu o homem.. Os gregos registram que Prometeu, também moldou um boneco de barro, que com a ajuda dos deuses atinge aos céus, rouba uma centelha de fogo divino, e dá origem ao homem. Essas antropovisões privilegiam o divino e tratam o corpo como utensílio, guardião da alma, reforçam a concepção do corpo objeto, que assume o *status* de coisa, objeto físico, máquina formada por peças anatômica e fisiologicamente funcionais, que tem os seus movimentos explicados pela lei da mecânica.

A visão mecanicista se faz presente desde Galileu ao apresentar o universo como algo matematizável e geometrizável, representando um grande mecanismo. Essa idéia afetou a todos os seres vivos. Em virtude disso registra-se o grande interesse sobre o corpo, o que leva La Mettrie a considerar o homem uma máquina, cujo mecanismo só se torna visível pelo corpo.

A anatomia, a fisiologia, a engenharia genética endossaram o cortejo, levando a Claude Bernard a descrever o homem como “um animal sobre quatro patas”. Monod, (1989) em seu livro “O Acaso e a Necessidade”, define os seres vivos como máquinas que se constroem e se reproduzem a si mesmas.

O homem do final do século XX é um corpo impessoal, preso no seu próprio corpo, corpo desconhecido, não ouvido, mas usado. Essa constatação nos remete a história do filho pródigo que busca a casa paterna na esperança de encontrar compreensão e a si próprio. O corpo dos dias atuais é construído por uma cultura individualista, que o transformou em autômato, num ser cansado e sem sonhos.

A visão mecanicista permeia o viver humano, talvez seja uma das responsáveis pelo homem abúlico, sem projetos, triste e solitário do final de século, que busca inconscientemente restaurar o humano em suas vidas para continuar a caminhada.

Passemos ao tema.

Falar na desmecanização do corpo implica em libertar o corpo dos grilhões da desumanização, quer seja material

* Professora Titular do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Coordenadora do Grupo Multiprofissional em Saúde do Adulto - GEMSA.

ou espiritual. Em torná-lo sujeito da sua existência, responsável pela emissão e apreensão dos significados que dão sentido à sua presença no mundo, num processo contínuo de troca. O que reitera a certeza de que a existência humana só tem sentido porque existe o outro, o outro que me percebe, me toca, me sente e que é também percebido, tocado e sentido por mim. Paradoxalmente o homem do final de século é um homem só.

*“O homem contemporâneo é um homem sem história, sem tradição e memória. A ciência o deixou sozinho na imensidão do universo de onde emergiu por acaso”.
Monod (1970, p.18).*

O homem da pós modernidade é um homem do momento, da moda, do último lançamento, da última notícia, em *outdoor* ambulante. Esse homem vive da novidade, das novas emoções, com desprezo ao ontem. O descartável, o renovável são os seus valores, a base do seu pensar e agir.

A mecanização se faz presente em todos os mementos da vida humana, pois somos submetidos a ritos conforme a conveniência do momento e esses ritos nem sempre são conhecidos pelo corpo a quem são destinados, o que o transforma em algo amorfo, passivo. Não importa o que se faz, contanto que, o que faça atenda as prerrogativas do cultural. Assim, a mecanização do corpo leva o homem a sentir a falta do solo sob os seus pés, a viver no vácuo, aumenta o vazio, e a angústia existencial em virtude do sentimento de incompletude que o invade. A falta de projetos, o agora, é uma das características desse corpo, para o qual tudo é válido, por um momento de brilho efêmero, o que me faz evocar a figura de Sísito e perceber que: *O Homem está só e o rochedo ainda rola e rolará sempre.*

O rochedo da mecanização se mostra no concreto das relações humanas no **mercado humano** e se faz presente na história do homem há milênios, apesar de combatido por contrariar os direitos do homem. Exemplificando temos: nos dias atuais diferentes formas de escravidão. A escravidão negra deu lugar à escravidão branca, mediante a venda de corpos. Com o advento do capitalismo, vive-se com a exploração do homem pelo homem, mediante a remuneração da força de trabalho com salários vergonhosos, que transformam o corpo em servo, e, restaura a servidão. Outra modalidade de escravidão resulta do avanço tecnológico, presente no cenário da saúde, acarretando situações dignas de atenção e reflexão, como os clones, os transplantes, os exames ultra especializados e caros que estão a serviço apenas de uma minoria; exames que esquadrinham o corpo distanciando-o do cuidador e do curador e o torna um simples objeto de investigação.

Na área do esporte vemos corpos usados até a exaustão em nome de uma *performance*. O uso abusivo do corpo se propaga por todas as dimensões humanas, se reproduz no seu cotidiano, quando vemos o corpo concebido

como propriedade, utensílio, máquina; corpos que têm as suas peças ajustadas, trocadas para que se possa atingir uma meta, não importando o preço, mas sim, a recompensa. O uso do corpo e abuso do corpo com o advento tecnológico e científico gradativamente tornou-se mais sutil, objeto de interpretações científicas e jurídicas.

Apesar de estarmos vivendo no final do milênio o corpo continua sujeitado ao poder, sendo um objeto do Rei, de forma mais nefasta, pois a cultura defende o consumo, o excesso, desencadeia novas necessidades, e em nome dessas necessidades deixamos de viver, passamos a cumprir metas e cronogramas; deixamos de *ser* para *estar no mundo* a serviço de ideologias autofágicas, que nos transformam em massa de manobra, em corpos alienados e alienantes.

Em virtude disto o homem convive com o vazio existencial, que o faz lutar assustadoramente, para criar vínculos, reencontrar ou encontrar a sua identidade, para simplesmente ser.

Encontro apoio em Garrafa (1992) no seu artigo **O uso e abusos do corpo** para indicar como responsáveis pela mecanização do corpo: *“as razões sócio econômicas; as razões sócio culturais; as estruturas públicas inadequadas e os limites indefinidos da ciência e da ética.”*

Dois pontos essenciais devem ser destacados no que concerne às razões sócio econômicas: as **desigualdades sociais e a ganância**, a sede pelo lucro excessivo. O que é fácil de se constatar pela alta incidência de doenças ocupacionais, que ceifam vidas, mutilam corpos inescrupulosamente, como as crianças que trabalham nas fábricas de carvão, cortando cana, vendendo a sua força de trabalho por valores vergonhosos, ou até mesmo trocam-na pelo craque como vem sendo denunciado pela mídia falada e escrita. **A prostituição** é outra causa de mecanização do corpo e segundo Garrafa (1992), se arrasta como camaleão, adquirindo coloração diferente em cada época, em cada sociedade.

Ao reforçar este quadro dantesco convive-se com a falta de investimento na educação, na orientação do homem sobre o como ouvir, o como respeitar e usar o corpo, orientação são inexistentes, principalmente nos países e nas classes economicamente menos favorecidas, fato também denunciado por Boltansk (1989) ao mostrar como a percepção do corpo da sua doença, o recurso médico, o consumo de medicamentos, enfim, toda uma constelação de atos e representações das políticas de saúde estão umbelicadas à estrutura de classes. O seu trabalho descorre sobre o uso do corpo determinado pelo sistema de produção e o poder da medicina científica quase absoluto sobre o mesmo.

As estruturas públicas inadequadas resultam da inexistência de leis e do descaso das políticas sociais em assegurar o respeito à cidadania de cada um, quando cabe à cultura, a responsabilidade pela disciplinação do corpo, tornando-o apático e encantado pelas delícias preconizadas pelo consumo, transformando o corpo em verdadeiro **outdoors** ambulantes, desfilando grifes as mais variadas,

em garotos propaganda de vestuário, alimentos, sapatos, carros e outras parafernalias que seduzem e tornam o corpo consumidor e consumido.

A cultura contemporânea é centrada no individualismo, no eu, no brilho efêmero, num ideal de beleza e juventude, no aqui e agora. O aqui e agora é um *relissimum* da consciência. Ao viver simplesmente o presente o corpo pede a noção do porvir, deixa de lado os seus projetos e passa a viver as luzes da ribalta, sobrevivendo, não existindo, nem tampouco coexistindo. O que se busca hoje já não é a saúde, mas o brilho efêmero, higiênico e publicitário do corpo. O que importa é o visual, não tanto a beleza ou a sedução, mas ser visto.

O brilho efêmero nos impede de ser, vemos corpos fadados ao ostracismo profissional se adquirem centímetros a mais, o que passa a exigir controle neurótico, obsessivo compulsivo, nesta situação encontram-se as ginastas olímpicas, o jôquei, as manequins, que sobrevivem com coquetéis de pílulas, dietas espartanas para conseguir manter o emprego, chegando às vezes a correr risco de vida, como vimos em 1996 com a manequim paulista, amplamente divulgado pela mídia, que para perder dois quilos quase perdeu a vida. Ressalta-se que esses valores fazem parte do cotidiano, quando observa-se que jovens adolescentes negaram-se a alimentar para vestirem o número 34, 36 ou 38 das Grifes de luxo.

Contar caloria hoje deixou de ser da área da nutrição, o que é positivo, pois houve uma socialização do saber, o que questiono é a neura, a obsessão vista principalmente nas jovens que jejuam diariamente, transformando-se em corpos bulêmicos, castigando e punindo o corpo, não mais para purificar a alma, mas em nome de um ideal de beleza proposto e legitimado pela cultura.

O corpo na idade contemporânea, vive o estado de pós orgia denunciado por Baudrillard (1992, p.9).

“Orgia é o momento explosivo da modernidade, da liberação em todos os domínios. Liberação política, liberação sexual, liberação das forças produtivas, liberação da mulher, da criança, das pulsações inconscientes, liberação da arte [...]. Toda orgia de real, de racional, de sexual, de crítica e anticrítica, de crescimento e de crise de crescimento.”

E o que fazer após a orgia? Só nos resta simular a orgia e a liberação, fingir que continuamos acelerando, mas na realidade aceleramos o vácuo, porque todas as finalidades de simulação ficaram para trás. O que causa espécie é essa antecipação dos resultados, a disponibilidade de todos os signos, e desejos. Vive-se a utopia, o sonho efêmero do momento. Vive-se a verdadeira desordem metastática, de multiplicação por contigüidade, de proliferação cancerosa.

Os seres tecnológicos atuais, as máquinas, os clones, as próteses, contribuem com o esmaecer da sexualidade,

em prol da assexualidade e da imortalidade. O sonho de uma sociedade clônica é a tônica do momento, sonho que transforma o corpo em metáfora de coisa nenhuma.

“O corpo passa a ser o lugar das metástases, do encadeamento maquínico de todos os processos, de uma programação infinita sem organização simbólica, sem objetivo transcendente, na pura promiscuidade consigo mesmo, que é também a das redes e dos circuitos integrados” (Baudrillard, 1992, p.13).

O *trans* para o autor é o vocábulo em voga, a economia se torna transeconômica, a estética transestética, o sexual transexual, tudo caminha para a convergência para um processo transversal.

“O corpo sexuado está entregue a uma espécie de destino artificial, que é a TRANSEXUALIDADE. Transexual não no sentido anatômico, mas no transvestido, de jogo de comutação dos signos do sexo, contrapondo-se ao jogo anterior da diferença sexual. O sexual tem por objetivo o gozo e o transexual o artifício, seja o de mudar de sexo, de signos vestimentares, morfológicos gestuais, transformando por vários meios o corpo em próteses”. (Baudrillard, 1992, p.27)

A revolução cibernética segundo Baudrillard (1992, p. 33-31) leva o homem a perguntar-se: “sou corpo ou máquina? A revolução genética: sou corpo humano ou clone virtual? A revolução sexual: sou corpo masculino ou feminino?”

Essa confusão, essa angústia e indeterminação é o resultado dessa revolução liberal. Quando observa-se que todos estão em busca de seu espaço, tentam restaurar o seu tempo, viver a circularidade do tempo, criar vínculos e buscar a sua identidade.

Pobre corpo sempre a serviço ou do rei, ou da religião, ou dos prazeres sádico masoquistas, sempre usado como propriedade, como utensílio, nunca como ser, como responsável pelo nosso existir enquanto homens, nunca usado com importância que possui.

A religião tentou resgatar a importância do corpo ao destacar que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”; mas a mesma religião puniu o homem, pôr envolver-se com um corpo nefasto feminino, o corpo de Eva, responsável pela expulsão do homem do paraíso. Paradoxalmente a humanidade também foi salva por outro corpo feminino, o corpo de Maria. E assim de paradoxo, em paradoxo é escrita a história do corpo, conseqüentemente a história do homem.

Após tantas considerações retomo a grande interrogação: Como desmecanizar o corpo? Antes de responder, peço ao leitor que pare por dois minutos e

questione a si mesmo, com toda sinceridade:

Há quanto tempo não me curto, não me sinto, não me faço um carinho?

Há quanto tempo abracei meu filho, minha esposa, meu amigo e deixei que eles sentissem o quanto são importantes na minha vida?

Sorrio para meus colegas e me solidarizo com eles ou estou sempre vendo um *mouro* em cada esquina?

Faço do meu cotidiano algo agradável e prazeroso?

Conheço as minhas limitações, por isso aceito-me e respeito-me ou me violento para se visto e aceito?

Após esses minutos de reflexão, digo para você caro leitor que: Desmecanizar é tornar-se consciente é desenvolver crítica; é tornar-se sujeito e cidadão. É lutar por tudo aquilo que violento e degrade o corpo; é lutar pela vida e sentir prazer em viver; é assumir-se como corpo, como corporeidade, é romper com os distanciamentos perversos que reforçam as dicotomias homem/natureza, corpo/espírito e cria a relação senho/escravo.

Para desmecanizar é preciso investir no sensível, valorizar a compreensão, o sentir, é viver em grupo, é ter projetos; é viver a circularidade do tempo, acreditando sempre no porvir, é retornar ao clã, ao primitivo, ao privado, ao doméstico, é valorizar a taticidade; é valorizar o outro como necessário para o nosso existir. É tornar todo o canibalismo proscrito em nossas relações; é parar para escutar as mensagens do corpo e restaurar o humano em nossos relacionamentos. É estar atento para todo e qualquer poder que nos sujeita e nos torna impessoais e frios; é ter a consciência para perceber o poder sutil da teia religiosa, científica, política e cultural, que nos cerceia, censura, disciplina e nos torna um corpo serviçal.

Desmecanizar é valorizar o belo; é preocupar-se consigo, com o outro e com o mundo; e destruir, reconstruir

ou construir; é combater os distanciamentos perversos, que hierarquiza os homens, fazendo com que uns sejam melhores que outros; é viver em plenitude cada toque, cada escuta, cada olhar, cada gozo; é existir, é ter projetos, é assumir-se como corpo, pois o corpo é uma beleza, é uma festa.

ABSTRACT: It is a philosophical on the way we have experienced our corporeity at the end of this millenium. Grounded by Jaques Monod and Jean Baudrillard's thoughts as well as by my conception of man and corporeity. I lean over daily situations, showing the power of rationality and the power of the current over our body. I rason on how the transforming age affected and has affected the way we have lived our corporeity, leading us to the feeling that we are metaphors of nothingness.

KEY WORDS: Human body; Nonmechanization; Philosophy, nursing.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal:** ensaio sobre os fenômenos extremos. 2 ed Campinas: Papirus, 1992.
2. BOLTANSKI, Luc. **Los usos sociales del cuerpo.** Centre de Sociologie Européen, s.d. mimeografado.
3. GARRAFA, Volnei. Usos e abusos do corpo humano. **Revista Saúde em debate**, Brasília, n. 36, out/92.
4. MONOD, Jaques. **O acaso e a necessidade.** 4 ed Petrópolis: Vozes, 1971.
5. POLAK, Ymiracy N. de S. **A corporeidade como resgate do humano na enfermagem.** Pelotas: Ed. da Universidade de Pelotas, 1997.

Endereço da autora:
Rua Pe. Camargo, 280 - Térreo
Telefone: (041) 264-2011 R. 35/43